



UMA ANÁLISE DO MERCADO DE TRABALHO E DAS DIFERENÇAS DE REMUNERAÇÃO NO ESTADO DE SÃO PAULO A PARTIR DE DADOS DA RAIS

O QUADRO DA REMUNERAÇÃO NO BRASIL

A Tabela 1 mostra dados da remuneração no Brasil, detalhando-a segundo critérios de gênero, faixa etária, grau de instrução e raça/cor. Entre 2018 e 2019, nota-se que a remuneração caiu na grande maioria dos critérios analisados, com exceção de analfabetos e daqueles de cor amarela.

Em termos percentuais, as populações mais impactadas pela redução da remuneração foram a indígena (-5,61%) e de idade entre 25 e 29 anos (-2,63%). Em termos absolutos, a população indígena também foi a que mais perdeu (-R\$ 149,75) seguida de quem tem 60 ou mais anos de idade (- R\$ 118,10).

Tabela 1. Remuneração no Brasil

Indicadores	Ano		Variação		
	2018	2019	Absoluta	Relativa (%)	
Remuneração Real* Média em Dezembro	3,198.05	3,156.02	-42.03	-1.31	
Sexo do Trabalhador					
Remuneração Real* Média em Dezembro	Masculino	3,415.30	3,359.00	-56.30	-1.65
	Feminino	2,923.46	2,902.58	-20.88	-0.71
Faixa Etária					
Remuneração Real* Média em Dezembro	Até 17	821.55	809.36	-12.19	-1.48
	18 a 24	1,635.87	1,598.28	-37.58	-2.30
	25 a 29	2,345.87	2,284.08	-61.79	-2.63
	30 a 39	3,237.30	3,191.06	-46.24	-1.43
	40 a 49	3,776.08	3,751.94	-24.14	-0.64
	50 a 59	4,216.28	4,110.08	-106.20	-2.52
	60 ou mais	4,741.05	4,622.95	-118.10	-2.49
Grau de Instrução					
Remuneração Real* Média em Dezembro	Analfabeto	1,576.06	1,705.15	129.09	8.19
	Fundamental Incompleto	1,944.32	1,923.10	-21.22	-1.09
	Fundamental Completo	2,053.00	2,039.58	-13.42	-0.65
	Médio Incompleto	1,822.84	1,806.47	-16.37	-0.90
	Médio Completo	2,277.95	2,232.12	-45.83	-2.01
	Superior Incompleto	3,074.27	3,072.04	-2.23	-0.07
	Superior Completo	6,429.07	6,323.90	-105.17	-1.64
Raça ou Cor					
Remuneração Real* Média em Dezembro	Indígena	2,669.78	2,520.03	-149.75	-5.61
	Branca	3,242.62	3,217.98	-24.64	-0.76
	Preta	2,231.33	2,195.44	-35.89	-1.61
	Amarela	4,014.01	4,033.87	19.86	0.49
	Parda	2,264.62	2,226.56	-38.06	-1.68

Fonte: RAIS.

Nota: * Deflacionado pelo INPC-IBGE a preços de Dez./19.



O PANORAMA NO ESTADO DE SÃO PAULO

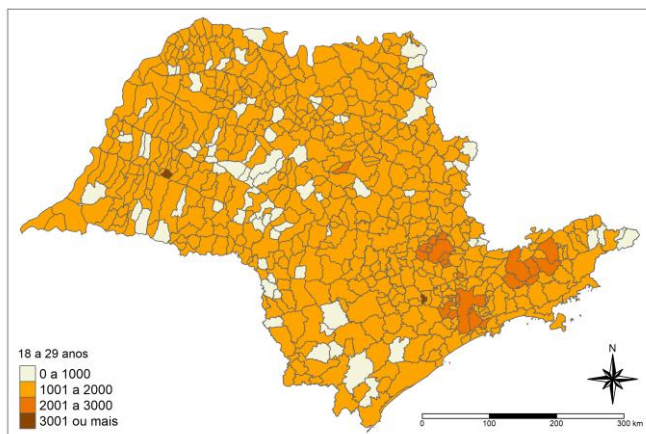
Trabalhadores formais por faixas etárias

A Figura 1 traz a média salarial dos trabalhadores formais entre 18 e 29 anos. No primeiro mapa, referente a 2002, notamos a presença de muitos municípios com renda média abaixo de R\$ 1000 (valores corrigidos pelo INPC em valores de Dez./2019). Dos 645 municípios paulistas, 83 registraram renda média inferior a R\$ 1000 por mês. As regiões metropolitanas de São Paulo (RMSP), de Campinas (RMC) e a região de São José dos Campos apresentaram média superior a R\$ 2000.

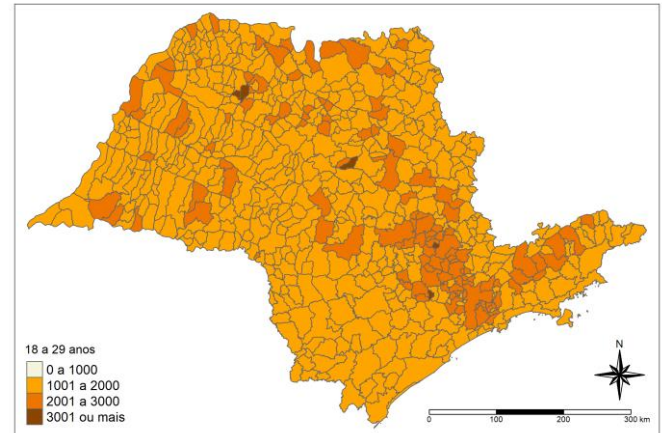
Em 2010, nenhum dos municípios do estado apresentou renda abaixo de R\$ 1000. A quantidade de municípios com média superior a R\$ 2000 passou de 27 em 2002, para 125, em 2010. Embora ainda haja grande concentração de municípios com maiores médias de rendimento nas regiões metropolitanas de São Paulo, Campinas e de São José dos Campos, os municípios com renda média superior a R\$ 2000 estão mais espalhados geograficamente.

Em 2019, percebemos retração na renda média dos jovens entre 18 e 29 anos. Dois municípios apresentaram renda menor que R\$ 1000 mensais, Redenção da Serra e Clementina. Os efeitos da crise econômica enfrentada pelo país entre 2014 e 2016 se refletem de maneira clara na renda dos jovens nas diferentes regiões paulistas, sobretudo nos municípios do Vale do Paraíba e da RMSP.

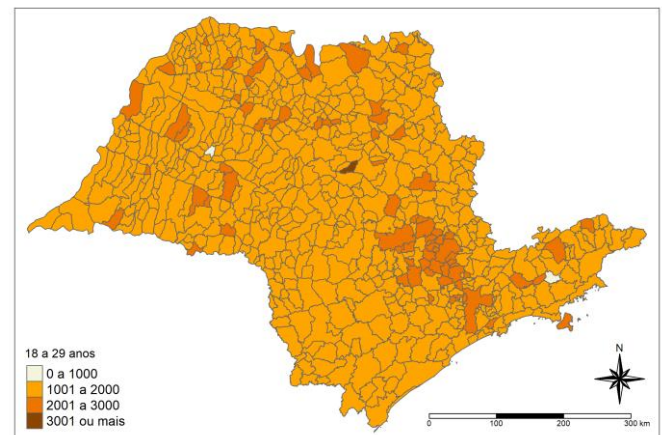
Figura 1 – Rendimento mensal médio para trabalhadores jovens (18 a 29 anos)



(2002)



(2010)



(2019)

Fonte: Elaborado a partir de dados da RAIS.

Na Figura 2, consideramos os salários médios dos trabalhadores adultos, ou seja, entre 30 e 64 anos de idade. Nela, notamos que a maioria dos municípios com salários médios mais altos se concentra nas regiões da capital, de Campinas e de São José dos Campos em todos os anos analisados. Em relação a 2002, é notável a predominância de municípios com salário médio entre R\$ 1001 e R\$ 2000 mensais: 444 dos 645 municípios. Cerca de 10% dos municípios registraram médias superiores a R\$ 3000 em 2002.

Em 2010, notamos aumento da quantidade de municípios com salário médio entre R\$2001 e R\$ 3000: 315, em 2010, ante 134, em 2002. Também aumentaram os municípios cujos trabalhadores adultos tiveram rendimentos médios superiores a R\$ 3001, que eram 63, em 2002, e passaram a ser 90, em 2010.



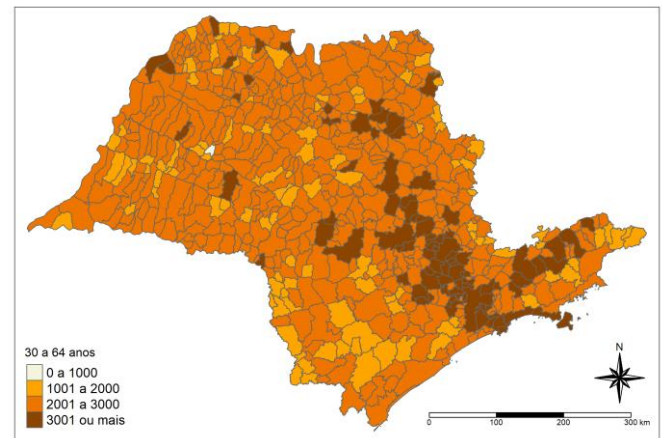
Fevereiro/2021

Prof. Rudinei Toneto Jr., Luciano Nakabashi (Coordenadores)

Renan Henrique de Oliveira, Marcos Júnio Ribeiro, Francielly Almeida, Cristiane Costa*, Thainá Raganicchi*

Em 2019, a ampla maioria dos municípios registrou médias de rendimentos superiores a R\$ 2001, com as regiões com rendas menores se concentrando nas regiões sul e no extremo leste do estado. Apenas Clementina registrou média inferior a R\$ 1000. Em relação a 2010, o número de municípios em cor mais escura foi praticamente o mesmo: 94, em 2019, ante 90, em 2010.

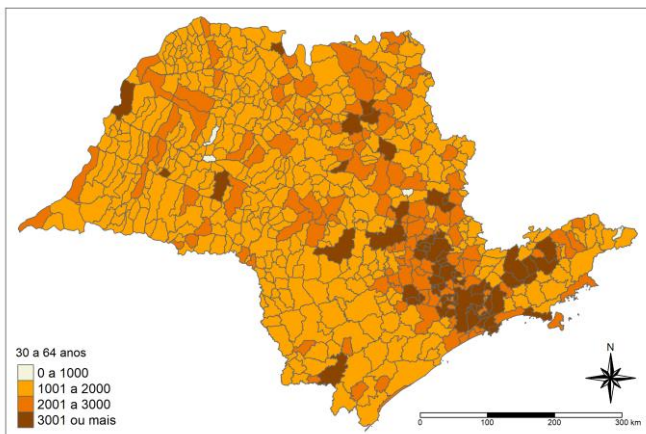
Entre 2010 e 2019 ocorreu avanço considerável na renda média dos trabalhadores nos municípios paulistas, sobretudo com elevação daqueles com salário médio entre R\$ 2001 e R\$ 3000. Os resultados apresentados nas Figuras 1 e 2 mostram, portanto, que os maiores prejudicados com a crise de 2014-2016 foram os jovens nas distintas regiões do estado paulista.



(2019)

Fonte: Elaborado a partir de dados da RAIS.

Figura 2 – Rendimento médio mensal para trabalhadores adultos (30 a 64 anos)

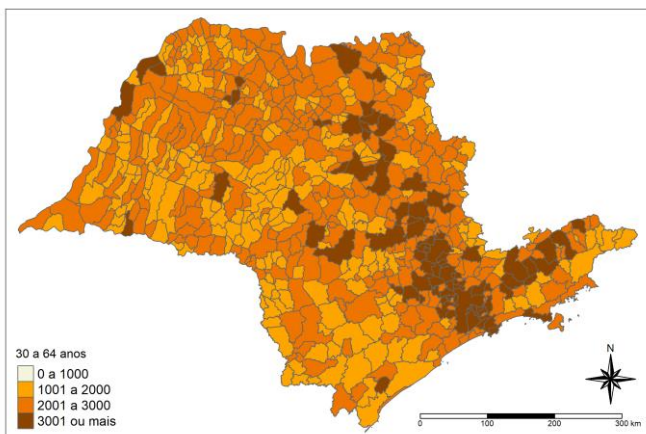


(2002)

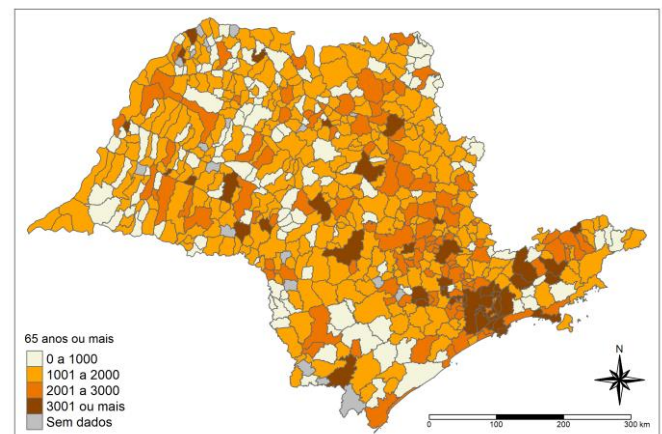
Em relação aos trabalhadores com 65 anos ou mais, na Figura 3, notamos que ao longo de 2002, 2010 e 2019 ocorreu aumento de municípios com médias maiores de rendimento. Em 2002, 140 municípios apresentaram renda média inferior a R\$ 1000; número que caiu para 19, em 2010, e para 5, em 2019.

Em relação aos municípios com médias salariais superiores a R\$ 3001 dos trabalhadores com 65 anos ou mais, o número de municípios passou de 46, em 2002, para 102, em 2010, mas caiu para 97, em 2019. Já os municípios com média entre R\$ 2001 e R\$ 3000 eram 113, 189 e 301, em 2002, 2010 e 2019, respectivamente. Portanto, os trabalhadores com 65 anos ou mais também não foram atingidos de forma severa pela crise de 2014-2016.

Figura 3 – Rendimento médio mensal para trabalhadores idosos (65 anos ou mais)



(2010)



(2002)



Fevereiro/2021

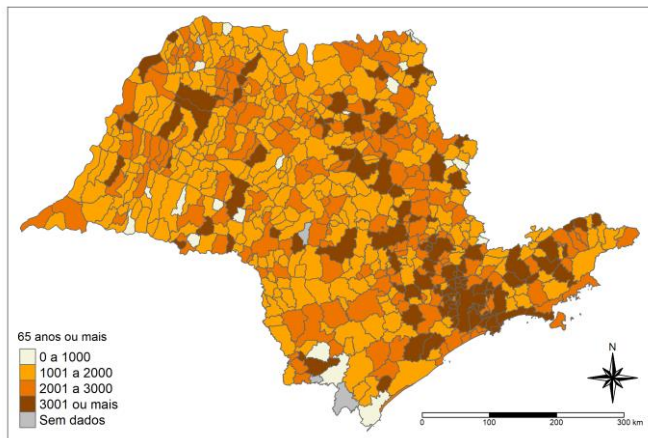
Prof. Rudinei Toneto Jr., Luciano Nakabashi (Coordenadores)

Renan Henrique de Oliveira, Marcos Júnio Ribeiro, Francielly Almeida, Cristiane Costa*, Thainá Raganicchi*

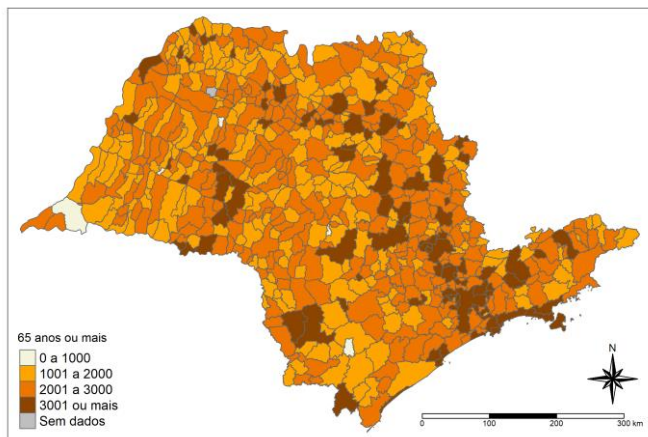
municípios cuja proporção de trabalhadores adultos excede os 2/3. Em 2002, haviam 5,2 milhões de adultos no mercado formal de trabalho em São Paulo. Oito anos depois, esse número cresceu para 8 milhões. Já em 2019, esse número foi para 9,5 milhões. De 2002 a 2019, é notável na Figura 5 o aumento de municípios com maiores proporções de trabalhadores adultos.

Por fim, na Figura 6 há os trabalhadores com 65 anos ou mais. Neste caso, a região norte do estado tem uma proporção maior de trabalhadores nessa faixa etária em relação aos municípios da região sul. O destaque, em 2019, fica por conta de São João de Iracema, com 9,27% de todos os trabalhadores nessa faixa etária. Em termos absolutos, os trabalhadores com 65 anos ou mais passaram de quase 58 mil, em 2002, para 100 mil, em 2010, e 216 mil, em 2019.

Figura 4 – Proporção de trabalhadores jovens (18 a 29 anos) no mercado de trabalho



(2010)

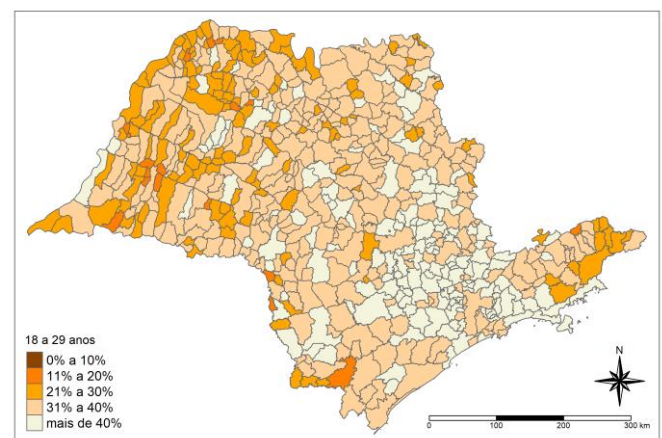


(2019)

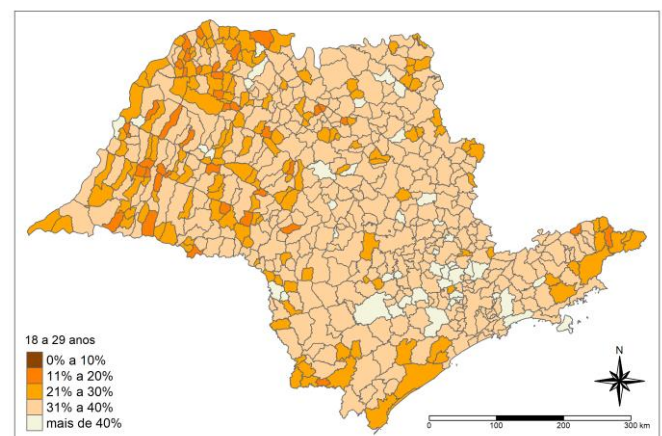
Fonte: Elaborado a partir de dados da RAIS.

Pelas Figuras 4, 5 e 6, percebemos que o perfil etário do mercado formal de trabalho no estado de São Paulo não mudou drasticamente entre 2002 e 2019. Em linhas gerais, os municípios da RMSP e RMC, além da região de Sorocaba, Baixada Santista e litoral norte, têm um mercado de trabalho com maior presença de trabalhadores jovens do que, por exemplo, as regiões noroeste e do Vale do Paraíba. Os trabalhadores jovens, em 2002, eram cerca de 3,2 milhões no estado, número que passou para mais de 4,6 milhões, em 2010, e para 3,7 milhões, em 2019. Em todas as regiões do estado, o mercado formal de trabalho teve redução da proporção de jovens entre 2010 e 2019, o que fica claro com tons cada vez mais escuros de laranja.

Os trabalhadores adultos, com idade entre 30 e 64 anos, representam quase 2/3 da força de trabalho total no mercado formal nas regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos e no litoral sul. Sobretudo no noroeste de São Paulo, há grande concentração de



(2002)



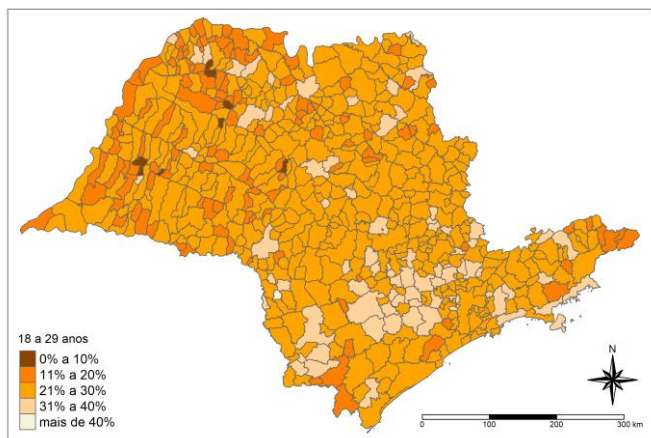
(2010)



Fevereiro/2021

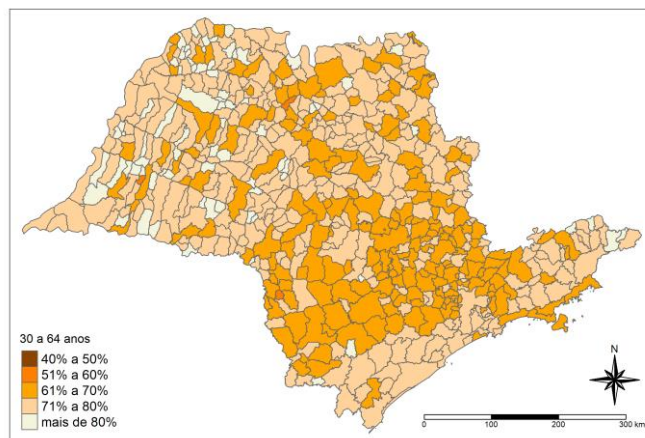
Prof. Rudinei Toneto Jr., Luciano Nakabashi (Coordenadores)

Renan Henrique de Oliveira, Marcos Júnio Ribeiro, Francielly Almeida, Cristiane Costa*, Thainá Raganicchi*



(2019)

Fonte: Elaborado a partir de dados da RAIS.

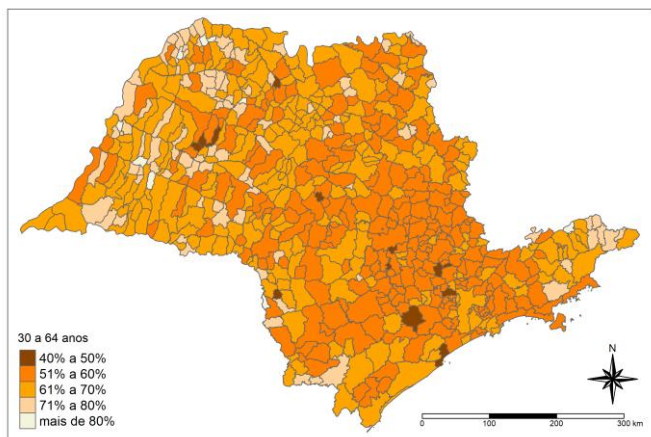


(2019)

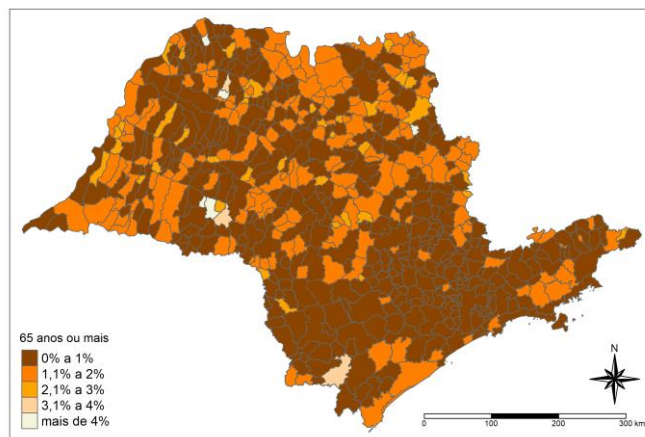
Fonte: Elaborado a partir de dados da RAIS.

Figura 5 – Proporção de trabalhadores adultos (30 a 64 anos) no mercado de trabalho

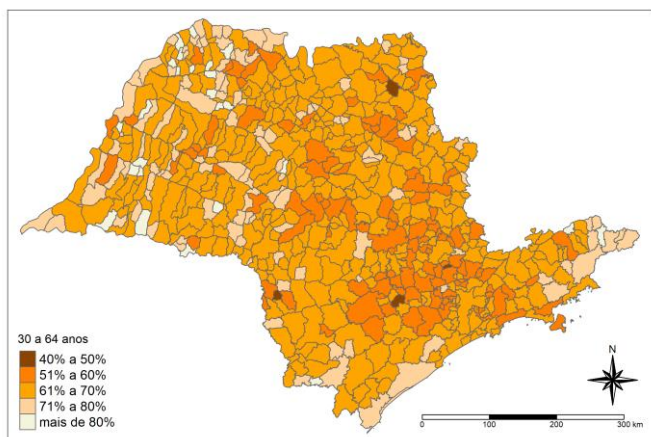
Figura 6 – Proporção de idosos (65 anos ou mais) no mercado de trabalho



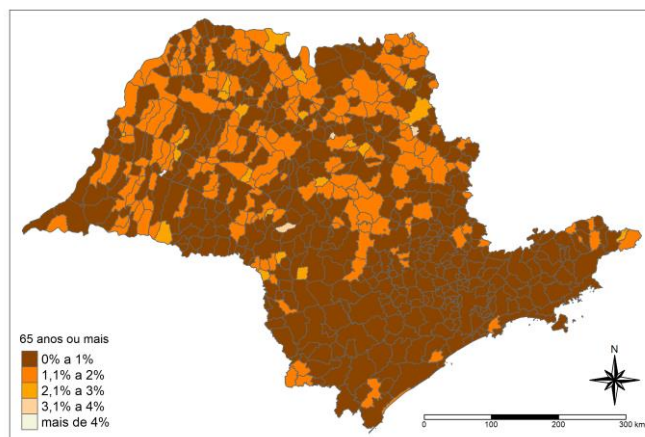
(2002)



(2002)



(2010)



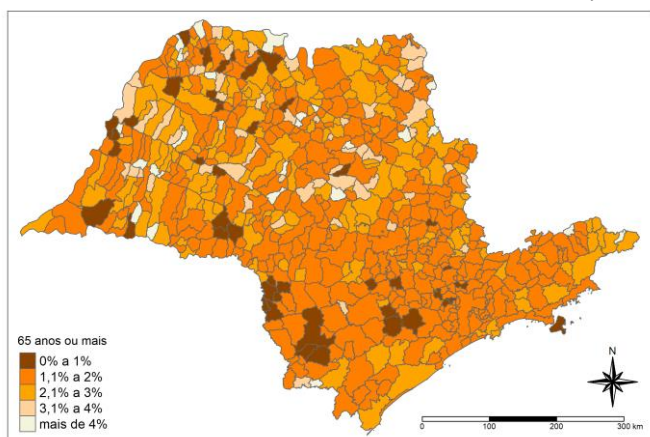
(2010)



Fevereiro/2021

Prof. Rudinei Toneto Jr., Luciano Nakabashi (Coordenadores)

Renan Henrique de Oliveira, Marcos Júnio Ribeiro, Francielly Almeida, Cristiane Costa*, Thainá Raganicchi*



(2019)

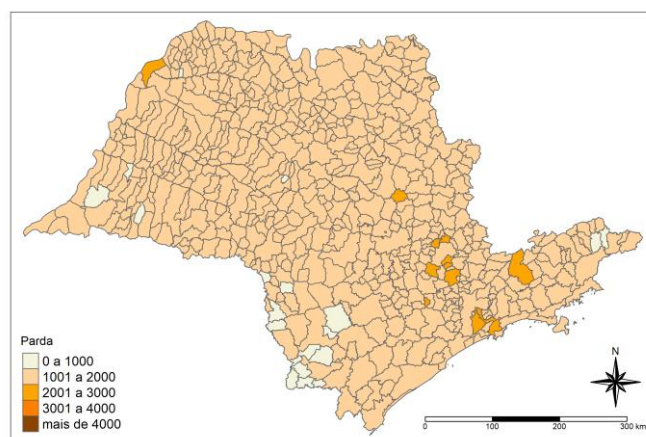
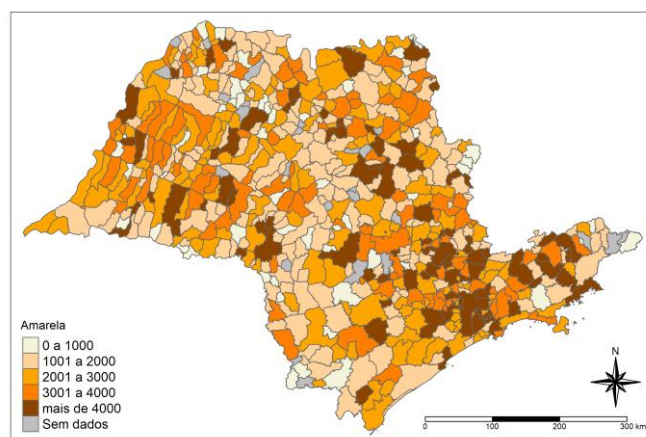
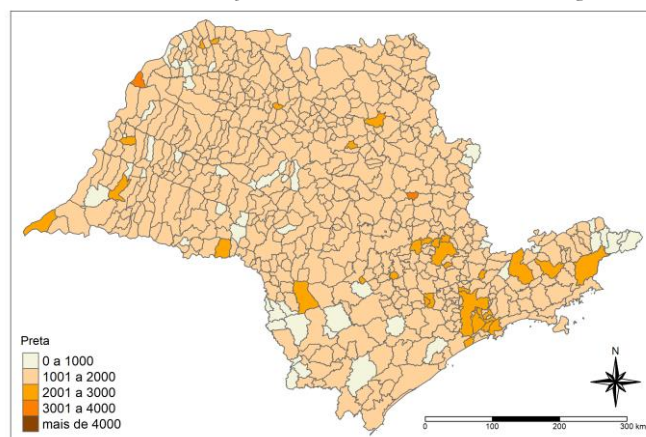
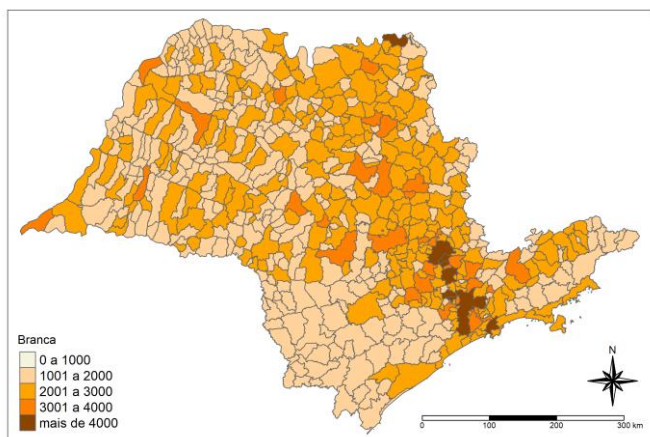
Fonte: Elaborado a partir de dados da RAIS.

Rendimento por cor/raça

Em cada um dos quatro mapas na Figura 7, temos o rendimento, por raça em 2010. No primeiro mapa, notamos que em 291 municípios, os trabalhadores brancos tiveram média de rendimento superior a R\$ 2000. No segundo mapa da Figura 7, em apenas 35 municípios do estado a média de rendimento de trabalhadores pretos excedeu R\$ 2000, menor do que o número com média foi inferior a R\$ 1000: 51.

Para os trabalhadores que se autodeclararam amarelo, é possível ver muitos municípios na cor laranja e marrom, apontando que a média de rendimentos é, em muitos casos, superior ao dos trabalhadores das demais raças. Em 350 municípios a média de rendimento foi superior a R\$ 2000. Em relação aos trabalhadores pardos, em apenas 14 municípios a média foi superior a R\$ 2000. Em 20 a média ficou abaixo dos R\$ 1000.

Figura 7 – Rendimento por cor



Fonte: Elaborado a partir de dados do Censo/IBGE (2010).

Considerando como brancos a população autodeclarada branca e amarela, e negros como pretos e pardos, temos um retrato da desigualdade salarial por cor/raça na Figura 8. Os mapas representam a média ponderada dos rendimentos por raça. É evidente que o rendimento médio de brancos (brancos + amarelos) é superior ao dos negros (pretos + pardos).



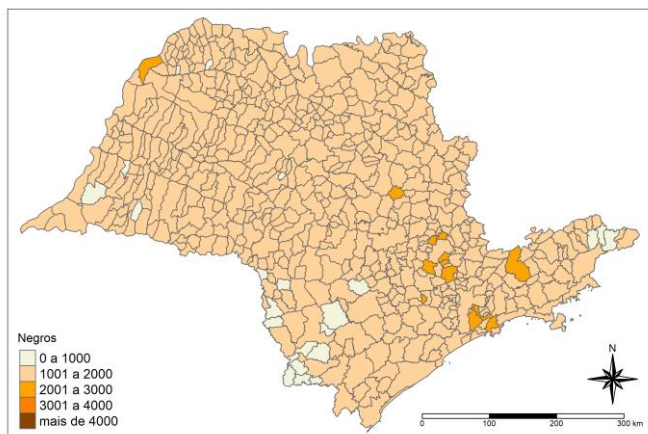
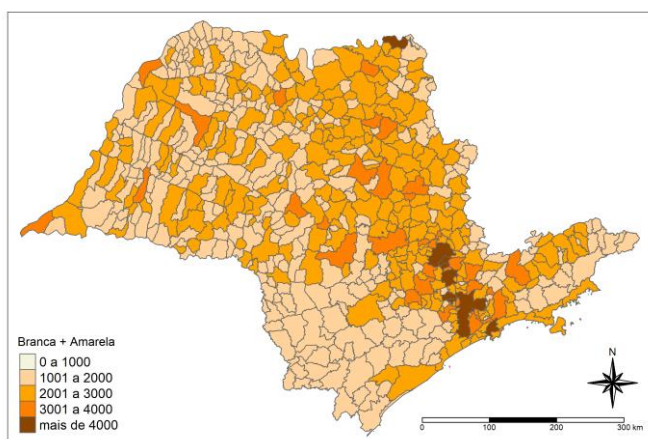
Fevereiro/2021

Prof. Rudinei Toneto Jr., Luciano Nakabashi (Coordenadores)

Renan Henrique de Oliveira, Marcos Júnio Ribeiro, Francielly Almeida, Cristiane Costa*, Thainá Raganicchi*

Para brancos, em 298 dos 645 municípios paulistas a média foi superior a R\$ 2000. Em nenhum município a média de rendimentos de trabalhadores brancos foi inferior a R\$ 1000. Destacam-se os municípios cuja média foi superior a R\$ 4000, em particular São Paulo e Campinas.

Para os trabalhadores negros, em apenas 14 municípios a média foi superior a R\$ 2000. A maior média foi em São Caetano do Sul: R\$ 2727,60. O número de municípios com média inferior a R\$ 1000 foi 23.

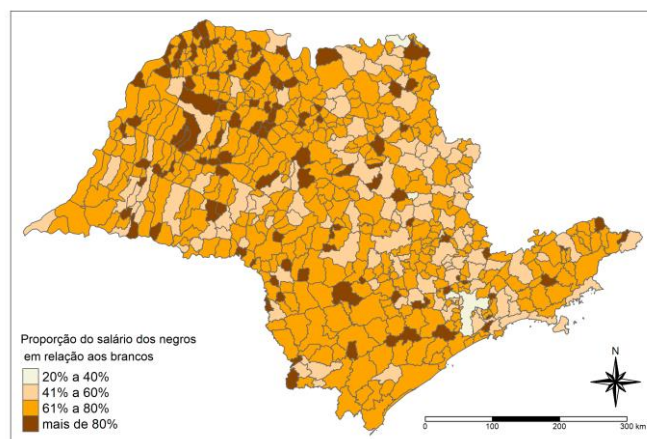
Figura 8 – Rendimento por raça

Fonte: Elaborado a partir de dados do Censo/IBGE (2010).

A Figura 9 mostra a proporção da média salarial de negros em relação à de brancos. Nela, notamos apenas 107 municípios com média superior a 80%. Apenas em Barão de Antonina, Manduri, Torre de Pedra e Itapura, a média salarial dos negros foi maior que a dos brancos. A maioria dos municípios, 390 entre 645, apresenta médias salariais de negros entre 61% e 80%.

Como destaque para a grande desigualdade salarial por raça, encontram-se os municípios de São

Paulo, Igarapava, Santa Cruz da Conceição e Santana de Parnaíba, em que a média salarial de trabalhadores negros era menos de 40% daquela dos brancos.

Figura 9 – Proporção de média salarial de negros em relação a de brancos

Fonte: Elaborado a partir de dados do Censo/IBGE (2010).

Rendimento por escolaridade

A Figura 10 reporta a variação do rendimento entre 2010 e 2019, por grau de escolaridade. De forma geral, observamos que analfabetos é a categoria com o maior ganho de rendimento no período. Destaque para Pirajuí (277%), Álvares Florence (210%) e Barueri (210%). A categoria com ensino superior completo foi a que teve maior número de municípios com queda no rendimento entre 2010 e 2019 (386 municípios). As quedas mais expressivas foram em Clementina (-61%) e Macaúbal (-60%). Para os trabalhadores com ensino médio completo, 231 municípios experimentaram queda no rendimento médio. Para trabalhadores analfabetos foram 222 e fundamental completo 132 municípios.

Para as categorias fundamental e médio completo, a maioria dos municípios assinalou variação média de rendimentos entre 0% e 50%. Para os trabalhadores com ensino médio completo, destacam-se os municípios de Itirapina (95%), Cássia dos Coqueiros (54%) e Araçoiaba da Serra (54%). Para os demais em que houve alta no rendimento entre 2010 e 2019, a variação ficou abaixo dos 50%.

De forma geral, notamos que os trabalhadores mais escolarizados foram aqueles que experimentaram menores ganhos salariais entre 2010 e 2019 refletindo, pelo menos em parte, um processo de escolarização dos



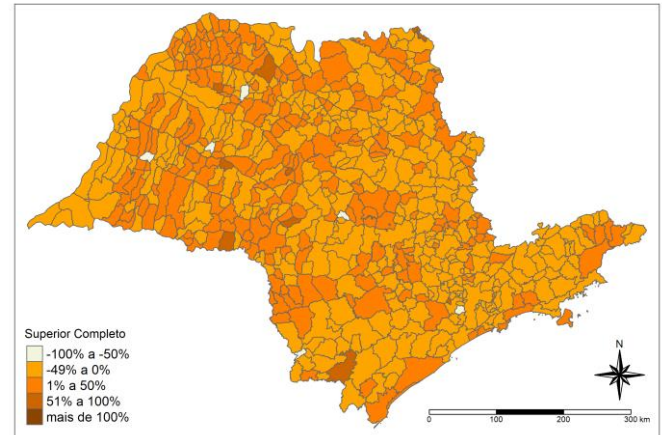
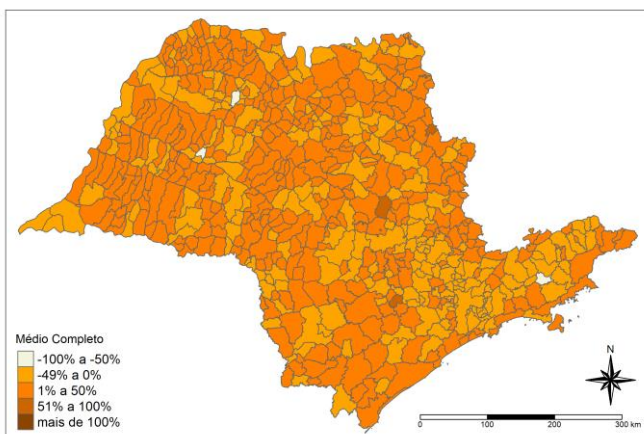
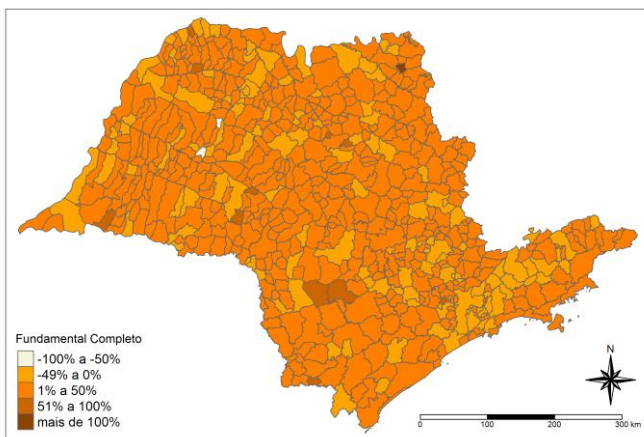
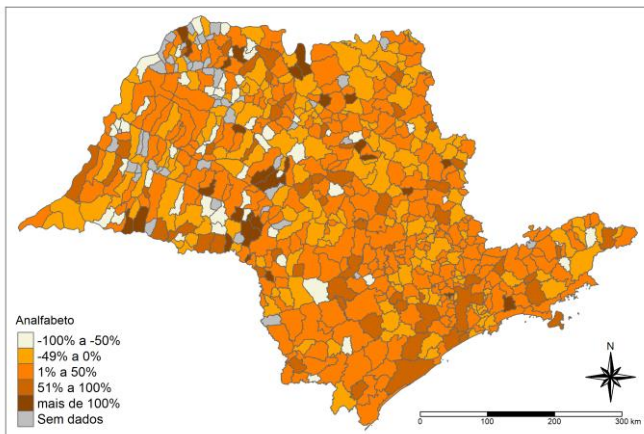
Fevereiro/2021

Renan Henrique de Oliveira, Marcos Júnio Ribeiro, Francielly Almeida, Cristiane Costa*, Thainá Raganicchi*

trabalhadores sem reflexos proporcionais em seus rendimentos, o que pode ser decorrente de excesso de oferta dos trabalhadores mais escolarizados, da elevação da escolaridade com piora da qualidade média, ou de uma combinação das duas.

Prof. Rudinei Toneto Jr., Luciano Nakabashi (Coordenadores)

Figura 10 – Variação percentual de rendimento por grau de escolaridade entre 2010 e 2019



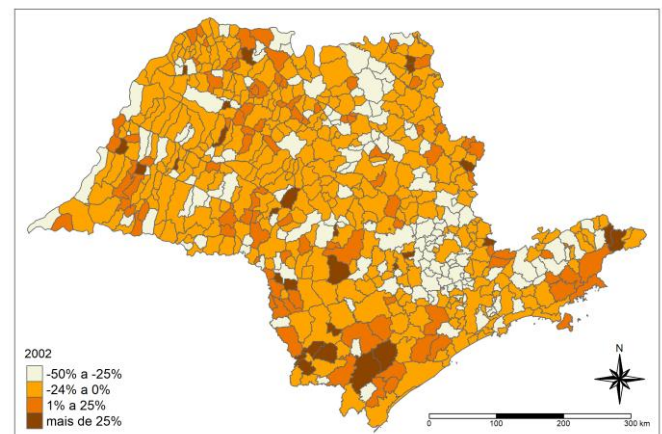
Fonte: Elaborado a partir de dados da RAIS.

Desigualdade salarial por gênero

Os mapas na Figura 11 retratam o diferencial de remuneração entre homens e mulheres em 2002, 2010 e 2019. Na maioria deles os homens tiveram rendimento médio maior que as mulheres. Em 2002, 125 municípios apresentaram média de rendimento das mulheres maior que a dos homens. Em 2010, esse cenário ocorreu em 80 municípios, e em 2019, em 119 municípios.

Na Figura 11, notamos que a quantidade de municípios em que homens tiveram média salarial muito superior ao das mulheres (representados em cor branca) diminuíram, sobretudo entre 2010 e 2019. O mesmo movimento ocorreu naqueles municípios em que a média do rendimento das mulheres foi muito superior à dos homens (representados pela cor marrom).

Figura 11 – Diferença percentual de salários entre trabalhadores do sexo feminino e masculino



(2002)

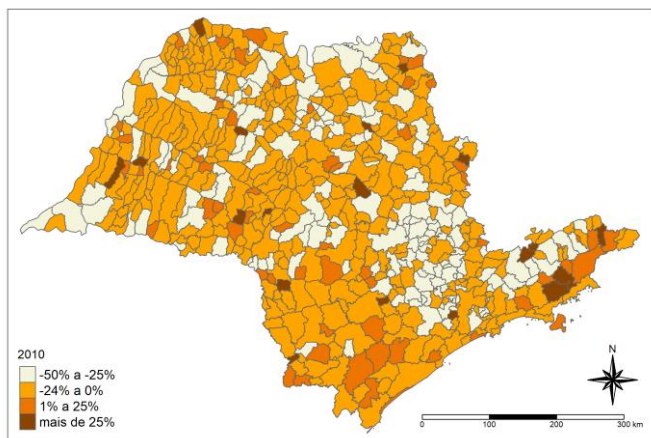


Fevereiro/2021

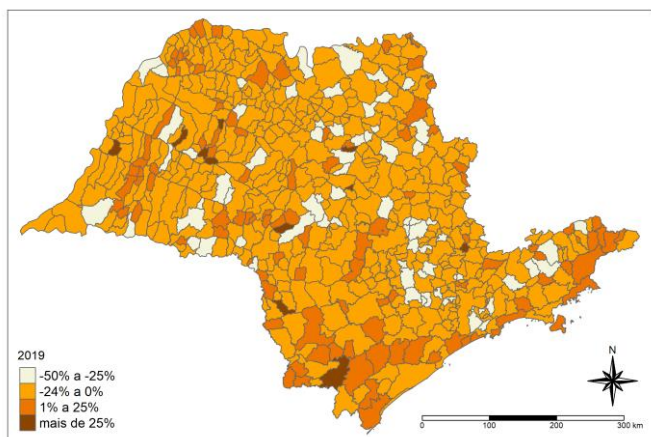
Prof. Rudinei Toneto Jr., Luciano Nakabashi (Coordenadores)

Renan Henrique de Oliveira, Marcos Júnio Ribeiro, Francielly Almeida, Cristiane Costa*, Thainá Raganicchi*

para reduzir a desigualdade de salários por gênero e por raça, como visto anteriormente.



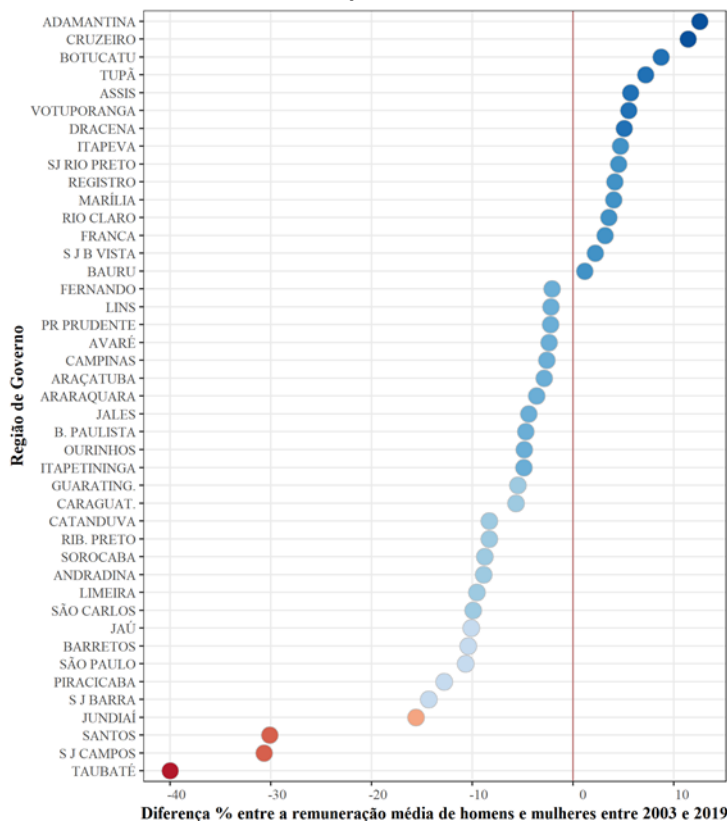
(2010)



(2019)

Fonte: Elaborado a partir de dados da RAIS.

Figura 12 – Variação em pontos percentuais da desigualdade salarial entre trabalhadores do sexo feminino e masculino no período de 2003 a 2019



Por fim, a Figura 12 mostra a variação da desigualdade salarial entre homens e mulheres, sendo que à direita da linha vertical no ponto 0 estão as regiões de governo paulistas em que a média salarial dos homens aumentou em relação à média das mulheres, e à esquerda as regiões de governo cuja desigualdade salarial por gênero diminuiu. As regiões de Cruzeiro e Adamantina foram as que mais aumentaram a diferença do salário dos homens em relação ao das mulheres (+11,4p.p. e +12,6p.p., respectivamente), enquanto as regiões de Santos, São José dos Campos e Taubaté foram as que mais diminuíram a desigualdade (-30,1p.p., -30,7p.p. e -40p.p., respectivamente).

Portanto, notamos que ainda há elevada desigualdade salarial por gênero, sendo que a sua redução tem ocorrido de forma lenta. Adicionalmente, há piora na desigualdade em algumas regiões de governo do estado, o que mostra que existem muitos desafios